

arq|a|a

Contrastes Sul-Americanos

ARQUITECTURA E ARTE

Jul/Ago 2011 | €11,00

Fernando Romero
Paulo Mendes da Rocha
Grupo SP
Isay Weinfeld
Marcio Kogan
Cadaval & Solà-Morales
Husos
Urban-Think Tank

Jorge Mario Jáuregui
Alexandre Cafcalas,
Patricio Martones Hiche
Fernando Diez
Mario Ballesteros
Ariadna Gantis
Juan-Pablo Corvalan
Alfredo Brillembourg + Hubert Klumpner
Louise Ganz
Angela Bonadies + Juan José Olavarria
Juhani Pallasmaa
Nada se leva
Antonio Olajo
Alfredo Jaar



GERAÇÃO Z EXTRA #1 • Open Japan Lisboa
Dossier: Vazio S/A • Geração Z: blanc

Uma conversa com Juhani Pallasmaa

Existência, Fenómeno arquitectónico e a Incerteza do tempo

GONÇALO FURTADO E NUNO VIANA|FAUP

Gonçalo Furtado + Nuno Viana: A sua formação em arquitectura teve início na Universidade de Tecnologia de Helsínquia, desenvolvendo actividade como arquitecto e designer gráfico desde 1960 e fundando o seu próprio atelier de arquitectura em 1983. Exerceu ainda o cargo de Director do Museu de Arquitectura Finlandesa, entre 1978 a 1983, foi reitor na sua universidade de formação e professor convidado em várias faculdades americanas, realizando palestras por praticamente todo o mundo e integrando em 2009 o júri do prestigiado Prémio Pritzker de Arquitectura. Olhando para trás e para o seu longo percurso de trabalho, podemos afirmar que possui uma produção prática assinalável, mas a sua investigação teórica tem merecido uma atenção constante, contando com uma vasta produção em que se destacam "The Eyes of the Skin" (1995), "Encounters" (2005) e "The Thinking Hand" (2008), tornando-o numa figura de influência incontornável no mundo da arquitectura contemporânea, especialmente nos seguidores dos princípios da fenomenologia e de algumas correntes da teoria crítica de arquitectura das últimas décadas. Poderá explicar-nos a sua escolha pela arquitectura e assim como a necessidade por detrás da sua produção teórica? Sente-se mais atraído por uma espécie de arquitectura mental (de abstracção e hipótese) paralela à do projecto desenhado e construído?

Juhani Pallasmaa: Eu vejo-me essencialmente como um arquitecto e um designer, mas tenho de confessar que durante a última década e meia passei mais tempo a escrever, a ensinar e em palestras do que a projectar. No entanto, não considero a minha produção teórica como separada ou distanciada da prática projectual, dado que ambas são formas de olhar para o fenómeno da arquitectura. O significado original da palavra grega *theorein* corresponde a "olhar para" e não a "teorizar". Edmund Husserl também descreveu o método fenomenológico em filosofia como "puro olhar". Da mesma forma que no projecto, no meu trabalho escrito, olho para a arquitectura; e através das lentes específicas da arquitectura olho para o mundo e para a cultura humana. Arquitectura e arte são, também, formas de estabelecer a minha própria identidade. No entanto, na minha perspectiva, no próprio acto de projectar, visões teóricas e conhecimento adquirido precisam de ser reprimidos ou esquecidos. Como uma vez o grande escultor basco Eduardo Chillida me confessou numa conversa ao jantar: "quando começo um novo trabalho, tudo o que fiz anteriormente não tem para mim nenhuma utilidade". Gaston Bachelard escreveu sobre a importância do "desaprender" e Rainer Marie Rilke sobre a importância do esquecer, como uma pré-condição mental para o trabalho criativo. Experiências e conhecimento precisam de se transformar em sabedoria corporal e integrarem-se na forma de ser de cada um. Quando projecto, suspendo o que escrevi.

GF+NV: A arquitectura mais do que uma prática e um meio de subsistência, pode ser uma forma de existência no mundo. Há quem considere que a arquitectura se inicie no próprio mecanismo da memória, em que recordar é já uma forma de arquitectura motivada, "afiorando de sentimentos e imagens de memória", como já referira no seu artigo "The Geometry of Feeling". Podendo operar inclusivamente como uma acção genésica e inata, dado que nascemos inclusivamente a residir outro corpo

(o materno) e sendo seres conscientes do próprio acto de habitar. Foram ímpetos para a contribuição de um Homem a "habitar poeticamente" que o dirigiram preferencialmente para esta área de produção?

JP: De facto nunca considerei a arquitectura como a minha profissão ou uma forma de subsistir; a arquitectura é o meu horizonte de visão para o mundo e um esforço para compreendê-lo. Enquanto jovem arquitecto, eu admirava a profissão e associava-me a ela com orgulho. Durante as últimas três décadas, contudo, comecei a sentir-me como um forasteiro em relação à profissão. De facto, tenho-me sentido cada vez mais como um amante, no duplo sentido da palavra: um amante da arquitectura, entendida como perspectiva existencial, e um principiante que nunca conseguiu estabelecer rotinas profissionais. Eu tenho, simplesmente, de re-inventar a porta e a janela para cada projecto que realizo. Para mim, a arquitectura tem-se constituído mais num domínio mental e existencial em oposição a um exercício profissional, técnico e de considerações estéticas. Penso que a evolução do meu pensamento, iniciado por uma posição universalista e racionalista (positivista), que gradualmente se inclinou com o decorrer do tempo para um relativismo antropológico, um interesse em estruturas psico-analíticas profundas e uma crescente confiança nas dimensões e significados experienciais, devem ser bastante claros na cronologia dos meus escritos desde o final dos anos sessenta até aos dias de hoje. O interesse à escala internacional pelos meus escritos é, muito sinceramente, uma surpresa para mim, pois nunca tinha pensado num público como tal. Eu sempre escrevi para poucos e bons amigos ausentes, isto é, na minha imaginação continuei sempre a inquirir as opiniões de cultos e atenciosos amigos, tais como Colin St. John Wilson, Steven Holl, Karsten Harries ou Alberto Pérez-Gómez.

GF+NV: Como interveniente prático, trabalhou em diversos domínios e escalas, desde o desenho gráfico até à paisagem. Como pensador, é bastante influenciado por diversas áreas, como a pintura, a escultura, a filosofia, a fotografia, a ciência, etc. De que forma estas disciplinas se tomaram cruciais para o desenvolvimento do seu percurso como crítico de arquitectura? Como vê a interdisciplinaridade? Coloca a hipótese de a arquitectura num futuro não muito distante poder ser engolida por uma cientificidade e resultante tectónica mecanicista?

JP: Eu cresci na modesta fazenda do meu avô situada na Finlândia Central durante os anos de guerra. Nesses tempos, um agricultor precisava de dominar todos os ofícios necessários à subsistência; o padre e ferreiro eram os únicos especialistas na comunidade rural. Eu acredito que é a atitude de agricultor que me impede de ver ou recear as fronteiras e os limites. Desde os meus tempos de juventude que tenho sido afortunado em estabelecer amizade com alguns dos maiores poetas, pintores, escultores, designers, filósofos, terapeutas, compositores e artesãos da Finlândia e do resto do mundo. Essas amizades foram essenciais para mim. Na minha juventude, eu acreditava numa ideia de total racionalização da arquitectura. Desde o momento em que compreendi a essência existencial da arquitectura, também percebi que a arquitectura profunda só pode nascer de uma fundação poética. A arquitectura precisa de ser o reflexo de um encontro pessoal com o mundo, a existência e as tradições culturais. A arquitectura também



Foto: Kai Lindholm

1ª Casa-Teste (1969) do sistema pré-fabricado de casa de Verão "Moduli 225", 1968-72 (colaboração Kristian Gullichsen).

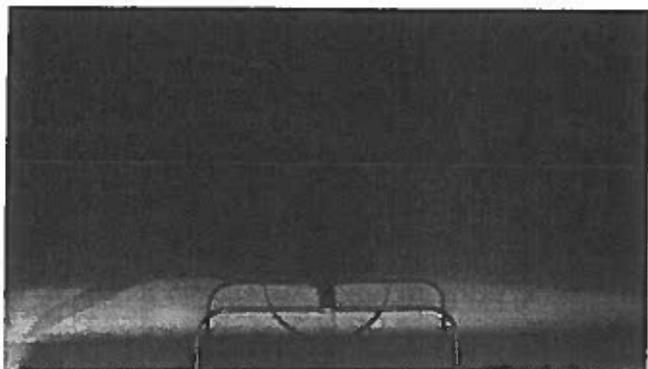


Foto: Rauno Tapakinen

Protótipo de cadeira reclinável, contraplacado laminado e fibra de carbono, 1994.

está comprometida com um emergir da idealização e não somente dos ingredientes do tempo presente; arquitetura e arte necessitam de procurar um mundo melhor.

GF+NV: A teoria crítica de arquitetura dos últimos anos estabeleceu ligações com uma série de correntes filosóficas. Podemos recordar, por exemplo nos anos 50 e 60, a relação com o Existencialismo e a Fenomenologia, seguidos pelo Estruturalismo e o Pós-Estruturalismo. Para além da presença indelével de figuras do pensamento, como Heidegger, Foucault, Derrida, Deleuze, que actuaram como autênticos fardis a suportarem correntes críticas e opções estéticas, alimentou-se um feroz "combate" teórico/prático em visões criativas que ainda hoje ressoam. Que considerações reserva a esta fundamentação constante da teoria crítica da arquitetura no pensamento filosófico?

JP: Numa das suas notas, Ludwig Wittgenstein sugere: "trabalhar em filosofia – como trabalhar em arquitetura, em muitos aspectos – é realmente um trabalho sobre nós mesmos. Sobre a nossa concepção individual. No modo como vemos as coisas." Eu penso da mesma maneira: arquitetura e filosofia, são ambas formas de tentar entender o mundo e a existência humana nesse mundo. Existem direcções e correntes filosóficas que tive dificuldade em compreender, tal como o Desconstrutivismo. Eu não aspiro ou acredito na possibilidade de uma única teoria ou linha filosófica de explicação sobre as coisas. A vida, e consequentemente a arquitetura, são fenómenos muito complexos, bem como o método a escolher. No meu ponto de vista, existe uma "filosofia natural da arquitetura", uma pouco conceptualizada e intelectualizada abordagem suportada também pelas magníficas capacidades humanas da intuição e da emoção. As grandes obras ao longo da história da arquitetura testemunham a existência dessa filosofia natural. Nos últimos anos tenho-me interessado muito pelos estudos biológicos e neurológicos. Eu penso que, infelizmente, nos esquecemos de que somos seres biológicos e históricos, resultantes de um processo evolutivo. É uma visão muito estreita acreditar-se que a dimensão total do impacto e significado arquitectural possa ser criado *ex nihilo*. Todos os verdadeiros significados estão incorporados na nossa própria historicidade, como espécie bio-cultural que somos.

GF+NV: O seu trabalho é profundamente influenciado pela Fenomenologia, especialmente por Merleau-Ponty e Heidegger, numa plena atenção à natureza "mundo-envolvente" da experiência e da vivência humana.

Chegou mesmo a afirmar que se sente sozinho nos círculos de arquitetura Finlandesa. No entanto, internacionalmente, muitos críticos de arquitetura relevantes baseiam o seu trabalho em tais referências (Tzonis e Lefaivre, Norberg-Schulz, Pérez-Gómez, Kenneth Frampton, etc.). Como vê o futuro da fenomenologia como corrente de pensamento e criação na arquitetura?

JP: Sim, tenho conhecimento da longa linhagem de filósofos, escritores e artistas que decididamente valorizaram as nossas questões existenciais e o seu papel nas artes. Eu tenho sido particularmente influenciado por Gaston Bachelard, Maurice Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre, bem como pensadores contemporâneos, tais como David Michael Levin, Richard Kearney, Edward S. Casey. Christian Norberg-Schulz foi meu amigo e introduziu-me aos escritos

de Martin Heidegger sobre o habitar e a consequente compreensão da importância da existência para a profissão do arquitecto. Kenneth Frampton, Alberto Pérez-Gómez e Steven Holl são também amigos com quem colaborei em vários projectos. Eu estou seguro da importância e significado da visão experiencial e existencial da arquitetura. A visão fenomenológica é uma perspectiva adequada para abordar as essências dos edifícios. O meu interesse na historicidade bio-cultural humana e nas descobertas neurológicas atribui actualmente à minha abordagem fenomenológica, uma nova orientação e consequente transformação. Quero também enfatizar que sou um amador na Filosofia, embora o meu interesse sobre ela se tenha aprofundado seriamente durante as últimas duas décadas.

GF+NV: Consta-se que foi no regresso de uma temporada de ensino em África que começou a afastar-se de um construtivismo puro, inclinándose para preocupações inerentes à psicologia, sociologia e fenomenologia. Este facto levou-nos a especular se não terá sido a sedução dos sentidos pelo natural, pela antiguidade e pela "origem materializada" em território, a causa dessa transformação no edifício da sua pesquisa. Na sua opinião, será pela aprendizagem e vivência do homem como projecto, que este será conduzido para o seu trilho autêntico?

JP: É verdade que ensinar e projectar na Etiópia durante mais de dois anos teve uma influência decisiva em mim. A minha confiança na universalidade do pensamento racionalizado e no inquestionável benefício da tecnologia e da industrialização foi questionada. Tornei-me interessado em escritos antropológicos, em estudos sobre relativismo cultural e estruturalismo e, eventualmente, em escritos psico-analíticos. A revolução estudantil, que começou na primavera Parisiense de 1968, teve uma forte influência na minha geração. Adquiri preocupação com os recursos naturais, problemas de poluição e desigualdade social; inclusivamente, no meu trabalho como professor de arquitetura, na Universidade de Haile Sellassie I, em Addis Abeba, nos princípios dos anos 70, utilizei o *World Resources Inventory*, de Richard Buckminster Fuller como obra central do curso que ministrava. O meu interesse filosófico e intelectual sobre os sentidos humanos iniciou-se mais tarde, nos fins dos anos 80. O meu primeiro ensaio sobre a problemática dos sentidos foi "The Seven Senses in Architecture" em "Questions of Perception", fruto de uma colaboração entre Steven Holl, Pérez-Gómez e eu.

GF+NV: Certa vez referiu-nos que apenas conseguimos meditar quando o "eu" olha para o infinito. Infinito materializado numa paisagem sugestiva (uma abertura no arvoredor sob a abóbada celeste, a imensidão horizontal de um mar tranquilo, etc). O infinito é um termo que atravessa todos os domínios da civilização desde os seus princípios como tal. De que modo é que o infinito nos interessa como questão arquitectural? A que tipo de infinito se refere? Envolverá um domínio sagrado, de transcendência, ou antes um aspecto consciente das duas possibilidades, do seu movimento evolutivo e assim postulando um "horizonte de espera"? Acha que o infinito na arquitetura pode apenas ser sugerido (mediante por exemplo uma abertura no construído, jogo de luz, cor, etc) ou admite que, dependendo

Eu não aspiro ou acredito na possibilidade de uma única teoria ou linha filosófica de explicação sobre as coisas. A vida, e conseqüentemente a arquitectura, são fenómenos muito complexos, bem como o método a escolher. No meu ponto de vista, existe uma "filosofia natural da arquitectura", uma pouco conceptualizada e intelectualizada abordagem suportada também pelas magníficas capacidades humanas da intuição e da emoção. As grandes obras ao longo da história da arquitectura testemunham a existência dessa filosofia natural.

do conhecimento do arquitecto, se possa falar de um aspecto instalado na própria obra?

JP: Quanto à ligação entre o estado mental meditativo e a infinitude, referia-me, nessa observação, ao facto de que num pensamento profundo o nosso olhar perde a sua focagem e viaja para um infinito experiencial. Infinito, intemporalidade e eternidade são condições limitativas naturais para o pensamento humano. Eu não sou religioso no sentido formal e devocional, mas acredito no transcendente como categoria filosófica, experiencial e emotiva. Como escreveu Karsten Harries, "beleza é uma realidade intemporal". Eu não aspiro conscientemente à dimensão metafísica, mas são categorias inevitáveis do pensamento inconsciente e, conseqüentemente, destinadas a serem expressas na fusão do trabalho criativo. Qualquer produção artística profunda expressa o nosso "ser-no-mundo" e também as nossas possibilidades transcendentais. Arte e Arquitectura são expressões fundamentais do destino humano.

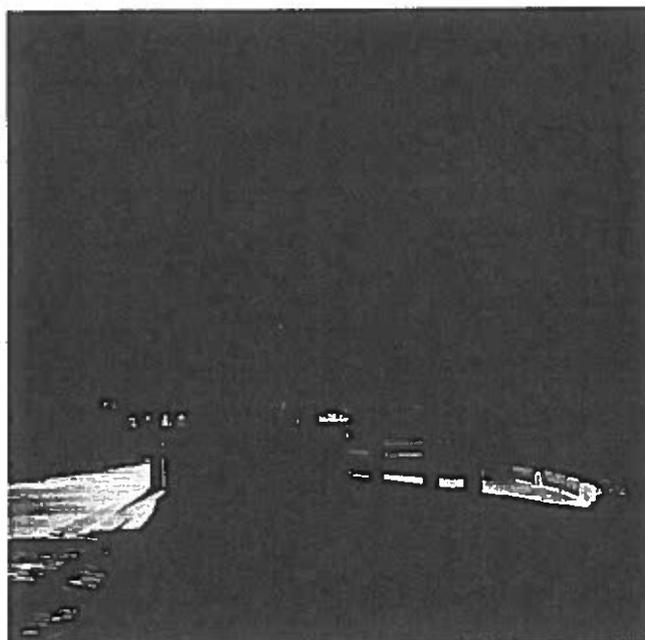
GF+NV: Referiu que a incerteza é a mãe da beleza e que essa incerteza provoca um estado produtivo de consciência. Temas como a incerteza e a emergência têm influenciado o pensamento crítico da arquitectura contemporânea. Considera ser um período transitório, de incerteza e experimentação, aquele em que vivemos, ou a incerteza é uma condição *sine qua non* para a prática de uma arquitectura em constante transformação? De que forma considera estas premissas e o termo "desenvolvimento", dado que vê a evolução cultural como "ondas de mar em movimento"?

JP: A ligação da incerteza e da beleza vem do poeta Joseph Brodsky. Observe que os escritos contemporâneos sobre a incerteza referem-se habitualmente às incertezas na física e na matemática, embora eu me refira a um fenómeno mental, à incerteza existencial. Com a experiência humana, a incerteza é uma condição fundacional. Nós tendemos a procurar certezas falsas e momentâneas para afastarmos a intolerável incerteza existencial. Costumava acreditar num progresso cultural e intelectual mas, nos dias que correm, prefiro pensar que nós – como espécie e indivíduos – continuamos a re-articular os mesmos problemas de uma forma circular. Referi-me ao desenvolvimento mental humano com a imagem do movimento das ondas, no qual o avanço forte das ondas é antes uma ilusão resultante dos repetidos movimentos circulares das partículas de água. Constato-me a mim mesmo a cercar os mesmos problemas repetidamente, muito provavelmente, em círculos gradualmente maiores.

GF+NV: Recentemente publicou "Conversations with Alvar Aalto", um importante registo da filosofia e conseqüentes preocupações desse grande arquitecto e expoente da cultura nórdica; para além de uma série de conferências (uma delas em Portugal na Faculdade de Arquitectura do Porto) onde se debruçou sobre princípios e temas elementares, comuns a qualquer obra de arquitectura, assim como a sua postura quanto ao modo de os empregar. Termos como "Tempo", "Coluna", "Círculo", "Luz", "Escala", "Cor", etc - evocando a discussão arquetípica e da experiência sensorial - foram referenciados às respostas múltiplas dadas por arquitectos

variados e de distintas latitudes, como Barragán, Zumthor ou Siza. Poderá partilhar connosco as suas preocupações actuais e futuros projectos que esteja a desenvolver?

JP: Em relação ao livro *Conversations with Alvar Aalto* que editei, essencialmente seleccionei entrevistas de Aalto anteriormente publicadas e conduzidas por outros. Também tive as minhas conversas pessoais com o Mestre, no entanto eram sobretudo conversas sociais, que não tocavam questões essenciais sobre arquitectura. Para esse pequeno livro, publicado em Barcelona, escrevi um ensaio intitulado "Alvar Aalto as Thinker and Writer". As noções a que se referem, operam como legendas para o meu trabalho de projecto. Em vez de mostrar os projectos individualmente de minha autoria, prefiro tematizar o meu trabalho, e justapor o exercício projectual a temas dos meus escritos. Dentro de poucos dias o Museu de Arte e a Sala de Espectáculos de Rovaniemi serão inaugurados na Lapónia. Este será provavelmente o meu último projecto de arquitectura. Farei setenta e cinco anos brevemente e, para além disso, desenvolvi uma grande aversão pela falta de precisão, respeito, compreensão e responsabilidade cultural no mundo actual da construção. Quando escrevo, ninguém está atrás de mim a dizer-me o que tenho de fazer. Na minha mente, posso confiar nos meus amigos ausentes que me darão um conselho ou confirmação quando ocasionalmente precisar. Assim, continuarei a escrever, a ensinar e a realizar conferências, desde que sinta que explore novos territórios e enquanto tiver leitores e ouvintes... ■



Praça de Chegada e Estrutura Astronómica, Academia Cranbrook, Bloomfield Hills, Michigan, USA, 1994 (colaboração Dan Hoffman e Cranbrook Architecture Studio).

Foto: Barbara Korab